

Calabi apostava na mudança

Arquivo

No meio da tarde de ontem, enquanto acompanhava os indicadores econômicos por terminais de computador instalados em seu gabinete, o presidente do Banco do Brasil, Andrea Calabi, afirmou: "Acabou o sufoco! Mudamos o regime cambial, mesmo com toda forma estapafúrdia; agora dá para ver que o Brasil é o Brasil". Calabi, que esteve no centro das decisões da equipe econômica para enfrentar o ataque especulativo contra o Brasil, avaliava que se for mantido aquele cenário da tarde de ontem será possível dar nova perspectiva para o País - com a queda de juros e redução do desemprego. Mas fez uma observação: "O ajuste fiscal continua tão necessário quanto era antes".

A avaliação de que o pior momento já havia passado foi feito por Calabi ao comprovar que o movimento nas bolsas brasileiras estava alto (superava os R\$ 550 milhões na Bovespa); a subida era significativa (mais de 25%) e o preço do dólar começava a se estabilizar, enquanto a saída de dólar era bem inferior a da quinta-feira, quando superou US\$ 1,6 bilhão. Às 16 horas, Andrea Calabi telefonou ao Palácio da Alvorada para informar o presidente Fernando Henrique que se reunia com Pedro Malan e Clóvis Carvalho que o dólar estava sendo cotado no mercado entre R\$ 1,42 e R\$ 1,44. "E as bolsas estão subindo uma barbaridade", disse.

Vitória do mercado

Na quinta-feira ficou evidente uma queda-de-braço do mercado com as autoridades econômicas. O mercado pedia uma desvalorização maior do real. O governo tentou resistir mas, ontem pela manhã cedeu quando o Banco Central optou por eliminar as bandas cambiais, permitindo a flutuação do câmbio.

"O mercado não quis a fórmula de cálculo feita pelo Banco Central com alargamento da banda, pressionou e venceu", disse um integrante de equipe



ANDREA Calabi: "Acabou o sufoco! Mudamos o regime cambial"

econômica. Mesmo tendo feito uma concessão ao mercado, os integrantes da equipe econômica consideram uma vitória a liberação do câmbio.

Andrea Calabi, por exemplo, observou que é esta fórmula usada em muitos outros países "é o modelo do G-7", disse. Segundo ele, a liberação do câmbio "foi conduzida com o mercado e o resto do mundo", e não por proposta de uma pessoa ou de um plano econômico. Mas trabalhar com câmbio livre, segundo Calabi, sempre foi uma meta do Brasil.

"O que aconteceu foi uma bagunça dentro de uma trajetória pensada", disse. Ou seja, a equipe econômica pensava em liberar definitivamente o câmbio, mas só faria isso depois que estivesse feito o ajuste fiscal e o acordo com o FMI. Mas no meio da crise, foi compelido a apressar essa decisão. "Por isso há tendência de liberar definitivamente o câmbio e temos de aprender a conviver com isso", afirmou.

Para os economistas do governo, o pior momento da crise financeira no Brasil foi na terça-feira, dia 12. A saída de dólares parecia incontrolável o que obrigou o governo à flexibilização da banda cambial - decisão que levou Gustavo Franco a pedir demissão da presidência do Banco Central. "Não existia uma regra cambial, o mercado estava comprando dólar enlou-

quecidamente...", disse Calabi, depois que considerava a situação serena.

Novas perspectivas

Em seu gabinete no Banco do Brasil, Andrea Calabi monitorava gastos com cartões de crédito internacional, agências de fronteira e câmbios de viagem e conclui: "É muito recente o trauma, mas estou otimista".

Para ele, o ajuste fiscal continua sendo indispensável e inadiável. A partir daí, será possível reduzir as taxas de juros, reduzir o déficit para ter, por fim, equilíbrio fiscal e crescimento econômico. "Tudo isso permite visualizar um cenário com novas perspectivas para este ano, com a redução do desemprego e por fim a volta do crescimento", disse.

"De uma esquizofrenia matutina, passamos para uma situação mais tranquila a tarde, com possibilidade de resultados positivos nas exportações", afirmou o presidente do Banco do Brasil.

Bem mais calmo do que na quinta-feira, Calabi chegou a defender dias de folga para o presidente Fernando Henrique Cardoso que fora obrigado a retornar a Brasília por duas vezes em função do agravamento da crise. "Agora ele pode viajar e ficar 15 dias fora", afirmou.